

# UMA DOMÉSTICA FALA SENDO SILÊNCIO NA SALA DE ESTAR O VULNERÁVEL DO SUJEITO NAS CORDAS VOCAIS

Pedro de Souza  
UFSC | CNPq | CAPES-PRINT

Em ‘A mineira calada’ –crônica que Clarice Lispector<sup>1</sup> - quando a narradora se refere à sua empregada Aninha o protagonismo é de uma voz feita de silêncio. Trata-se de certo sentido de precariedade que a escritora nos faz ver e ouvir começando pela descrição da voz da doméstica. A narradora começa assim:

Aninha é uma mineira calada que trabalha aqui em casa. E, quando fala, vem aquela voz abafada. Raramente fala. Eu, que nunca tive empregada chamada Aparecida, cada vez que vou chamar Aninha, só me ocorre chamar Aparecida. É que ela é uma aparição muda. Um dia de manhã estava arrumando um canto da sala, e eu bordando no outro canto. De repente – não, não de repente, nada é de repente nela, tudo parece uma continuação do silêncio. Continuando pois o silêncio, veio até a mim a sua voz. *A senhora escreve livros?*

Duas mulheres ocupam o mesmo espaço nesta crônica. Ambas se distinguem não só pelo trabalho que as entretém, mas sobretudo pelo estatuto que as levam a se deparar em certo preciso instante uma diante da outra em cantos opostos de uma sala burguesa. Na emissão da pergunta inesperada que a empregada dirige à patroa - *A senhora escreve livros?* -, há um a mais no vozeado quase surdo e que, não obstante, se impõe na sua precária forma sonora. É como se a atitude vocal da doméstica, tal como descrita pela narradora que Lispector constrói em sua crônica, revelasse algo que ultrapassasse a surpresa de uma empregada se interessando pelos escritos herméticos da patroa.

Cabe perguntar: seria intenção de Lispector, neste breve relato, apenas descrever, em certo instante, o misterioso mundo que se inventa na voz que chega à narradora soando por um fio? Suponho que sim, e sigo aqui apostando nesta hipótese. ~~O caso não é de dar uma resposta imediata para a empregada. Por isso mesmo a patroa se atrapalha.~~

Gostaria de tomar esta crônica como a escrita da forma histórica de precariedade que não se encontra precisamente numa ou na outra protagonista, mas na impossibilidade de mútua escuta e, por consequência, na pobreza do entendimento recíproco. Aludo aqui a um conjunto de circunstâncias de desigualdade social em que afirmar “*quem sou eu*” se impõe como justificativa social em contextos de interação ameaçados por experiências de precariedade (Guillaume Le Blanc).

---

<sup>1</sup> LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999. p.

Tais justificativas sociais podem ser remetidas à ordem simbólica que subjaz e que atravessa a instância de enunciação que contém a pergunta: *A senhora escreve livros?*. Não há aqui discurso que sustente a posição enunciativa do “eu”, feito na e pela pergunta de Aninha. Como empregada, por mais que formulada, sua pergunta não lhe confere lugar legítimo e reconhecido de sujeito-leitor. Daí que seria impossível vislumbrar, na cena repentina de fala, o aparecimento de um virtual leitor dirigindo-se a uma escritora tão cultivada quanto Clarice Lispector. Por isso, ao explicitar seu espanto, a narradora pode bem estar sugerindo que daquela voz sufocada nunca poderia vir a emissão de interesse por seus escritos.

Esta afirmação, porém, viria de um discurso constituído numa rede interpretativa apontando, na crônica, um caso exemplar de atitude discriminatória. Contudo pode-se ler o relato numa outra paleta discursiva. Se lida por esta, a expressão de espanto da escritora não traria à cena indicações de alguma menção depreciativa.

Depois de responder que sim, escrevia livros, a cronista se mostra ainda mais desconcertada ante o inesperado pedido da empregada:

Ela me perguntou, sem parar de arrumar e sem alterar a voz, se eu podia emprestar-lhe um. Fiquei atrapalhada. Fui franca: disse-lhe que ela não ia gostar de meus livros porque eles eram um pouco complicados. Foi então que, continuando a arrumar, e com voz ainda mais abafada, respondeu: *“Gosto de coisas complicadas. Não gosto de água com açúcar.”*

Voltando, neste ponto, aos desconfiados discursos indicando o preconceito nesta cena, pode-se objetar que sobrevém ao imaginário da patroa que a empregada seria destituída de perspicácia para leitura. Entretanto a narradora não se refere a Aninha como um tipo de pessoa incapaz de ler certos textos. Ao contrário, ela relata parecendo acreditar que teve diante dela alguém que simplesmente tem interesse pelo que ela escreve.

Mais do que responder, ela cuida de bem justificar que seus livros, um pouco complicados, não atenderiam ao gosto da empregada. A menção “com voz ainda mais abafada” ~~não é mero detalhe~~. antes vem à cronista como marca sonora de um “eu” inesperado fazendo presença no lugar de fala que nem dela pode ser. A empregada enuncia-se de modo a reduzir-se à sua precária condição. ~~Mesmo porque, a surpresa perante uma doméstica demonstrando interesse em ler textos sofisticados, não é relatada sem nenhum contraponto.~~

Tateando, diferentemente, a partitura do discurso pelo qual a cronista narra um pontual acontecimento doméstico, não se trata de dar a ver como os hábitos de leitura de uma doméstica não se coadunam com o gênero de literatura que ele cria. A propósito, é a empregada que, de modo reativo, recusa a visão de que, só teria gosto por romances água com açúcar. Mas a cronista não se atém a esta reação. Em vez disso, Clarice Lispector leva a narradora a se ater não aos conteúdos dos enunciados proferidos por Aninha. O que se destaca na descrição da presença da empregada é a voz, soando abafada, sufocada.

Atenho-me, portanto, à enunciação que vem pela voz. Refiro-me a algo redutível ao corpo em movimento na lida doméstica, e que impede a expressão de uma certa subjetividade. A maneira de expor Aninha, através de uma voz recuada ao seu contínuo silêncio, pode produzir no leitor como efeito discursivo a imagem de uma existência subjetiva socialmente muda e anônima. ~~Tal é a forma histórica de uma vida precária.~~

O que parece apenas um detalhe na cena descrita pela narradora vem a ser de fato, o espetáculo da precarização das formas não de uma e de outra protagonista, mas da relação entre patrões e empregados. Este fortuito e constrangedor encontro dialógico, traz lá de fora a histórica miséria da desigualdade que atravessa a conversação entre duas mulheres tornadas distantes por um disparatado status social e cultural.

Proponho que, ao destacar a materialidade vocal com que a enunciação da pergunta é realizada, Clarice Lispector afere à empregada certa maneira de existir indissociável de sua fala. Assim, realçando a ‘voz abafada’ de Aninha, podemos compreender como a escritora opera sua escrita sobre um discurso cujo efeito é o de dar fala a uma vida social e cultural precariamente constituída, posto, no campo da leitura, não contar na legião de leitores que interessa.

De modo que a pergunta inesperada da empregada seguida da surpresa da patroa compõe um mesmo acontecimento, que não é só da cena de enunciação ocorrida em certo tempo e espaço, mas o *já lá* da história de uma relação de patroas e empregadas. A propósito do hoje inominável novo normal, destaco assim, nesta crônica, a singularização histórica do que se banizou o escândalo sempre já dito e agora escancarado da desigualdade social em tempos de pandemia. A posição discursiva agenciada em uma crítica politicamente esclarecida imputaria à escritora o registro de um velado preconceito ao se surpreender com uma empregada que não só lê, mas expõe seu parecer a respeito do que lê.

Nesta linhagem de discurso, pretensamente inclusivo, pode-se até acusar que esta crônica estaria insinuando a ideia preconcebida de que uma doméstica é sempre desprovida de inteligência. Mas é possível também aplicar a esse relato um discurso outro: o que inventa um modo outro de viver precariamente. Por este viés interpretativo fica dissolve-se o discurso pretensamente denunciador das relações estruturalmente desiguais. Não se vê no mesmo ambiente nem o espanto arrogante da burguesa, nem a subserviência revelada na voz tênue de uma mulher julgada semianalfabeta. Apenas o real da diferença historicamente feita de desigualdade, num discurso a ser apreendido na escrita singular desta crônica de Clarice Lispector. Nela antes se conta que a doméstica bravamente atua diante da patroa sendo silêncio enquanto executa a arrumação na sala de estar. Fala-se do vulnerável do sujeito, cuja potência não cessa de se inscrever nas cordas vocais.